

NÃO É QUESTÃO DE PERSEGUIÇÃO OU PROTEÇÃO (A RENAN), MAS DE JUSTIÇA

Senador Eduardo Suplicy (PT-SP)

12 é o número de deputados do PT no Senado

Senado

Por pressão do PMDB, Palácio do Planalto começa a enquadrar senadores do PT que fazem campanha para tirar Renan Calheiros da Presidência da Casa. O objetivo de Lula é aprovar a CPMF o mais rápido possível

Bancada petista nas cordas

RENAN: ALVO DE PETISTAS DEPOIS DA ABSOLVIÇÃO NO PLENÁRIO DO SENADO



LEANDRO COLON
DA EQUIPE DO CORREIO

“São senadores franciscanos do PMDB, que estão com chinelo furado. Pode até dar um chinelo usado. Não precisa de um sapato cromado italiano”. A frase foi dita ontem pelo senador Wellington Salgado (PMDB-MG). Sem admitir qualquer reivindicação, ele aderiu ao grupo que derrotou o governo na última quarta-feira em plenário. Grupo que, agora, está na espera do “chinelo usado” (cargos e emendas) prometido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Enquanto tenta agradar o PMDB, o governo começa a trabalhar para cumprir a segunda promessa feita ao partido: reverter a posição da bancada de senadores do PT contrária à permanência de Renan Calheiros (PMDB-AL) na Presidência do

Senado. Para o governo, será a equação que garantirá na Casa a prorrogação da CPMF (leia mais na página 4).

Renan e o Palácio do Planalto avaliam que, a curto prazo, dificilmente haverá um recuo por parte dos petistas. Eles não aceitariam passar a imagem de que foram enquadrados pelo presidente Lula. Nem de que são os culpados pela crise entre governo e PMDB, que culminou com a derrubada da Secretaria de Planejamento de Longo Prazo na quarta-feira.

A estratégia do governo e de Renan é individualizar os problemas no PT, não contaminando o restante da bancada do partido. Assim, minimizaria o clima de “pressão partidária” pelo afastamento do presidente do Senado, alvo de mais três processos por quebra de decoro no Conselho de Ética.

O palácio e o peemedebista apostam na ajuda da líder do PT no Senado, Ideli Salvatti (SC). Ao lado do líder do governo, Romero Jucá (PMDB-RR), a senadora liderou a tropa de Renan desde o início da crise. Defendeu sua absolvição e agora terá a missão de controlar o PT. E deve fazer esse apelo na reunião semanal que a bancada faz às terças-feiras.

Dos 12 senadores do PT, três

tomaram a frente de pedir a saída de Renan nas últimas semanas: Tião Viana (AC), Aloizio Mercadante (SP) e Eduardo Suplicy (SP). O primeiro é vice-presidente do Senado e assume a vaga do peemedebista em caso de licença do senador alagoano. Viana chegou a dizer que o clima na Casa era o “pior possível”. Se irritou com a publicação de uma reportagem do Correio de que mantinha uma assessora paga pelo Senado, mas que trabalhava na sede do PT. Achou que Renan estava por trás do vazamento. Agora, com a crise do PMDB e a pressão do palácio, diz a outros senadores que jamais pediu a saída do peemedebista.

Máfia

Mercadante é o que mais incomoda Renan. O senador alagoano não perdoa a postura do colega paulista. Diz, em conversas reservadas, que garantiu a ele a presidência da Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) e ajudou a estancar a crise quando o petista se envolveu com o escândalo do dossiê da máfia dos sanguessugas no ano passado.

O senador paulista já avisou que, por enquanto, não pode recuar da postura contra o peemedebista. Argumenta com alguns

senadores que é uma questão de “convicção pessoal”, e não partidária. O petista tenta diminuir o desgaste sofrido ao revelar que votou pela abstenção na sessão que absolveu Renan no último dia 12. Até ontem, não havia recebido nenhum apelo do Palácio do Planalto.

Já em relação a Suplicy, o governo não cria expectativa. O presidente Lula sempre reclama que não conta com o senador nos momentos de crise. Foi assim nas CPIs dos Correios e do Apagão Aéreo. Perguntado ontem se cederia a um apelo do Palácio do Planalto, o petista ironizou. “O apelo do palácio só pode ser pela correção”, afirmou. “Não é questão de perseguição ou proteção, mas de justiça.”

Ontem, o Senado estava vazio. Renan não apareceu. Viajou com a família para um destino não revelado. Pelos corretores, Romero Jucá mostrava-se otimista com a diminuição da tensão entre governo e PMDB. Jucá já pediu ao líder do partido, Valdir Raupp (RO), que prepare uma lista de reivindicações. Raupp deve entregá-la ao ministro de Relações Institucionais, Walfrido dos Mares Guia, em reunião no início da próxima semana.

PEEMEDEBISTAS DE OLHO NELES

Tião Viana (PT-SP)

Vice-presidente do Senado, Viana evitou polemizar no início da crise. Após a absolvição de Renan, passou a afirmar que o clima era péssimo no Senado e que dificilmente haveria alguma votação em plenário. Ele assume a vaga em caso de licença do presidente da Casa



José Varella/CB - 11/9/07

Aloizio Mercadante (PT-SP)

O senador ficou em cima do muro até o dia do julgamento de Renan. Durante a sessão, tentou adiar a votação. Sem sucesso, afirmou depois que votou pela abstenção. O voto ajudou a salvar Renan. Pressionado, passou a defender o afastamento do peemedebista



Ronaldo de Oliveira/CB - 19/6/07

Eduardo Suplicy (PT-SP)

Integrante do Conselho de Ética, Suplicy pede a saída de Renan desde o começo da crise, no fim de maio. Durante o primeiro processo, tentou ser convencido pelo peemedebista de sua inocência. Suplicy diz que votou pela cassação e mantém posição pelo afastamento



Carlos Moura/CB - 18/10/06